

muito duvidoso que Ramsés II tenha obtido a vitória na batalha de Kadech como diz o autor na p. 214. Outras podem cominar-se à tradutora e à revisão: melhor do que os «Servidores de Hórus» da p. 30 ficaria «Seguidores de Hórus» (do egípcio *Chemsu-Hor*, o nome dos misteriosos soberanos das «dinastias divinas»). Registe-se ainda que é abusivo chamar «cidade» ao sítio pré-dinástico de Merimdé Beni Salamé (p. 31), e o deus falcão não «submeteu o rei» como se diz na p. 44, mas sim «converteu-se no rei».

Luís Manuel de Araújo

CHRISTIAN JACQ, *O Mundo Mágico do Antigo Egípcio*, Edições ASA, Porto, 2000, 181 pp., ISBN 972-41-2216-6

De novo as Edições ASA (ASA Editores II) publicam a versão portuguesa de um original de Christian Jacq, um dos mais conhecidos mas não por certo «o mais reputado dos egiptólogos franceses» como se afirma na contracapa do volume.

À Introdução, intitulada «A magia eterna» (pp. 9-32), seguem-se nove capítulos, apresentando o primeiro «O mágico, homem do conhecimento» (pp. 33-52), seguindo-se «Os poderes do mágico» (pp. 53-64) para nos inteirarmos das práticas mágico-litúrgicas realizadas nos templos. No capítulo III evocam-se «Os utensílios mágicos» (pp. 65-75), depois vem «O domínio dos elementos» (pp. 76-86), «O mágico face às divindades» (pp. 87-100), «Os combates do mágico» (pp. 101-122), «Magia e medicina» (pp. 123-148), «O amor mágico» (pp. 149-157), e por fim «O mundo animal» (pp. 158-173).

Segue-se um breve apêndice estabelecendo a comparação entre «Magia egípcia, magia cristã» (pp. 174-176), dado que «os coptas, cristãos do Egípcio, não esqueceram a antiga magia, retomaram muitos aspectos dos rituais e dos processos mágicos utilizados na época faraónica. Cristo, a Virgem, os santos e os anjos sucederam aos deuses e às deusas» (p. 174). No Epílogo (pp. 177-178) afirma-se que se os Egípcios «utilizaram a magia foi porque a civilização, o laço subtil entre todas as formas de vida, lhes apareceu como um combate com o real» (p. 178).

Dos vários erros que o texto apresenta registe-se as anomalias com os nomes de Hapu (aqui erradamente como Apu na p. 10), e o que vem na p. 153, ao trocar-se o deus Atum por Aton, que é outra divindade e que no contexto resulta num crasso dislate; na mesma

página diz-se que a deusa Tuéris (Taueret) tem focinho de leão, quando afinal é de hipopótamo. Acrescentemos que o *nemes* não é uma peruca mas sim um toucado real (p. 19), cartela não precisa de vir entre aspas, é escasso apresentar Hathor apenas como «deusa da Harmonia» (p. 25), Amon-Ré é o rei dos deuses e não o «chefe dos deuses» (p. 56), melhor que os «donos da Duat» seria «os senhores da Duat» (p. 79), «fadas» devia no contexto vir entre aspas (p. 96), a cidade holandesa de La Haye devia aparecer em português como Haia (p. 96), o jogo do xadrez era desconhecido pelos Egípcios que jogavam ao *senet* (p. 106), sábios é preferível ao galicismo «sages» (p. 128), sendo que das oferendas funerárias constava carne de aves e não de pássaro (p. 144). Outros erros detectam-se na expressão «em hieroglífica» em vez de «em escrita hieroglífica» (p. 56), o rei não está «representado em Osíris» mas sim «como Osíris» (p. 60), sendo estranho e controverso dizer que a religião cristã nasceu «no solo do Egipto» (p. 64). Acrescente-se entretanto que a revisão científica dos termos egíptológicos foi feita a partir de simples quatro folhas fotocopiadas que não continham todos os nomes incluídos na presente obra.

As ilustrações do volume correspondem sobretudo a várias imagens do túmulo de Ramsés IX no Vale dos Reis e das capelas funerárias de Tutankhamon (actualmente no Museu do Cairo), sendo de lamentar que algumas não tenham a desejável qualidade de reprodução para uma boa leitura. Lamenta-se ainda que as normas não tenham sido integralmente cumpridas na indicação da bibliografia (pp. 180-181) e que não exista um índice remissivo final para uma melhor consulta (não foi certamente por falta de espaço, pois o livro termina com oito páginas em branco).

Luís Manuel de Araújo